

Revista Iberoamericana de Turismo



MINISTERIO
DE ASUNTOS EXTERIORES
Y DE COOPERACION



AS ANTECIPAÇÕES DO TURISMO NO BRASIL

Hernán Venegas Marcelo

Doutor em História Social pela Universidade Federal Fluminense, Brasil. Professor da Universidade Federal do Rio Grande (FURG), Brasil.

E-mail: hvenegas75@yahoo.com

Resumo

Este trabalho se insere no incipiente campo da história do turismo no Brasil, indagando em suas antecipações no século XIX, ou seja, nas práticas e representações que, em boa medida, o fundamentaram, ainda durante o século XX. Eis a principal idéia que nos fez revisitar os oitocentos desde uma perspectiva diferente na qual o turismo constitui o centro da reflexão. Partindo desse pressuposto e da sua natureza – uma construção social – foco minha leitura da história do Brasil a partir da chegada da Família Imperial até o último quartel do século XIX. Nessa etapa pensei a ocidentalização e reprodução de aspirações, particularizando, nos hábitos e costumes trazidos pelos Bragança ao Brasil. De particular interesse resultaram as práticas terapêuticas da época e os banhos de mar. Detenho-me também em guias de viagens da época, na construção da natureza recreativa, do ócio e do lazer entorno de elementos naturais da geografia carioca, assim como na viagem turística dos norte-americanos ao Rio de Janeiro. Esses aspectos tornam complexo o estudo histórico do turismo em uma etapa prévia a sua organização, estruturação e inserção na pauta do poder público o que entra em contradição com interpretações presentes no meio acadêmico brasileiro. A contribuição teórica deste artigo, que se inspira e dialoga com os estudos de Marc Boyer e de Haroldo L. Camargo, aponta para uma proposta de estudo do turismo relacionada à História do Brasil.

Palavras-Chave: Turismo. Antecipações. História. Viagem moderna. Brasil.

1 UMA HISTÓRIA DO TURISMO ANTES DO TURISMO

As primeiras antecipações, anteriores à organização e estruturação do turismo no Brasil, surgiram como consequência da ocidentalização e reprodução das aspirações, dos hábitos e dos costumes introduzidos a partir da chegada da Família Real, da Corte Portuguesa e dos grupos comerciais estrangeiros instalados no Brasil e, mais especificamente, no Rio de Janeiro, durante o século XIX. Eis a idéia que defende o historiador Haroldo Camargo para pensar uma “pré-história do turismo no Brasil”, na primeira metade do século XIX e nessa direção que nos posicionamos teoricamente (CAMARGO, 2007).

Ainda que o estudo desse historiador tenha abordado profundamente o período que denomina como “pré-história do turismo”, o tema – sem dúvida interessante – continua a chamar a atenção. Prefiro pensar os anos compreendidos entre 1808 e até a década de 1880 sob a denominação de antecipações visando a enriquecer o debate das relações entre turismo e história no Brasil. Já ao falar em antecipações, inspirado nos estudos de Marc Boyer, refiro-me a elementos singulares que antecedem e se relacionam às fases posteriores de organização e estruturação do turismo no Brasil.

Existe no Brasil uma história do turismo antes do turismo, ou seja, antes da ideia consagrada por vários estudos que o associam com a eclosão da segunda metade do século XX. Esse entendimento, recorrente no meio acadêmico, diminui a importância dos oitocentos e de outras etapas modernas em sua história. Também não seria pertinente

pensar numa história do turismo no Brasil como a que corresponde à Europa Ocidental, a qual acompanha e é produto das transformações das revoluções industriais burguesas e relaciona-se ao Iluminismo do século XVIII. Diferente dos outros domínios hispânicos e lusitanos de Ultramar¹, no Brasil existiu um regime monárquico e imperial, que o singularizou do ponto de vista histórico, inclusive, quando se trata das antecipações do turismo. Porém existe um elemento comum que nos ajuda a pensar em sua história tanto, na Europa Ocidental, quanto, no Brasil: as práticas sociais que anteciparam sua institucionalização moderna. Eis aqui uma idéia a ser esclarecida cujo desenvolvimento norteia o presente ensaio.

2 OUTROS OITOCENTOS

Nas recreações aristocráticas da Família Real e da Corte Portuguesa identifica-se a ocidentalização da sociedade e com ela, bem mais avançado o século e acompanhando as transformações modernas do Império, antecipações do turismo. Mas antes de chegar às últimas décadas dos oitocentos – ele não faz parte do objeto da reflexão deste trabalho, pois sua análise demanda outro raciocínio que se afasta do relato que expomos a seguir – deveríamos perguntar se os lugares freqüentados ou aqueles estabelecidos como residências da Família Real qualificaram práticas embrionárias do turismo. Também seria oportuno pensar se a presença e prestígio da Família Imperial fez de lugares, com predomínio de funções terapêuticas, um motivo de atração de viagens que pudessem ser catalogadas de turísticas. Essas duas questões, originalmente tratadas por Haroldo Camargo, ajudam a pensar possíveis antecipações do turismo no Brasil.

Durante boa parte do século XIX as residências dos Bragança foram: o Paço Imperial, a Quinta da Boa Vista ou Paço de São Cristovão e a Real Fazenda de Santa Cruz (Figuras 1 e 2). Essas construções foram adaptações de imóveis construídos antes da chegada dos Bragança ao Brasil e não originalmente pensados como espaços destinados para as recreações aristocráticas, as quais socialmente imitadas e reproduzidas poderiam antecipar o turismo nos trópicos. Mas não existem evidências de antecipações que tenham surgido em torno daquelas construções (CAMARGO, 2007, p. 215-230). Já nas prescrições de viagens relacionadas à saúde dos Bragança, identificam-se os antecedentes do turismo, ou seja, práticas relacionadas² com o tratamento de doenças através de banhos terapêuticos e da ingestão de águas sulfurosas, mas nada além de turismo.

No Brasil da primeira metade do século XIX, não se construíram grandes centros terapêuticos nos quais se poderiam identificar antecipações do turismo. Houve, sim, notícias de lugares com fontes de águas sulfurosas e ferruginosas legadas por viajantes e prescrições médicas para cuidar da saúde. A partir de meados do século XIX, com o desenvolvimento da química e da medicina, apareceram no Brasil notícias sobre águas minerais, sublinhando suas propriedades terapêuticas. Segundo a historiadora Maria Manuela Quintela, várias foram as teses de medicina que trataram dessas águas (QUINTELA, 2004). A *Revista Brasiliense*, periódico da Academia Real de Medicina, aponta

¹ No caso do México, houve a existência de dois curtos períodos imperiais. O primeiro deles, sob Agustín de Iturbide, Imperador Pela Providência Divina e Pelo Congresso Nacional, entre julho de 1822 e março de 1823. O segundo Império Mexicano, bem mais avançado o século XIX, corresponde ao reinado do Imperador austríaco Maximiliano de Habsburgo, entre 1864 e 1867.

² A origem semântica da palavra curista deriva do termo alemão *kur* que se usou em Portugal para definir àquele que fazia uso dos tratamentos termiais. Cf. QUINTELA, Maria Manuel. “Saberes e práticas termiais: uma perspectiva comparada em Portugal (Termas de S. Pedro do Sul) e no Brasil (Caldas da Imperatriz)”, In: *História, Ciências, Saúde – Manuscritos*, Vol. 11 (Suplemento 1), p. 239-260, 2004. Apud WALLON, Armand. *La vie quotidienne dans les Villes D’Éaux (1850-1914)*. Paris: Ed. Hachette, 1981.

como a mais completa, a do médico Antônio Miranda de Castro, datada em 1841. Nessa tese o autor falava das potencialidades das águas e da importância de investir nesse campo tomando como referência a Europa. Segundo o próprio Miranda de Castro (1841, p. 5):

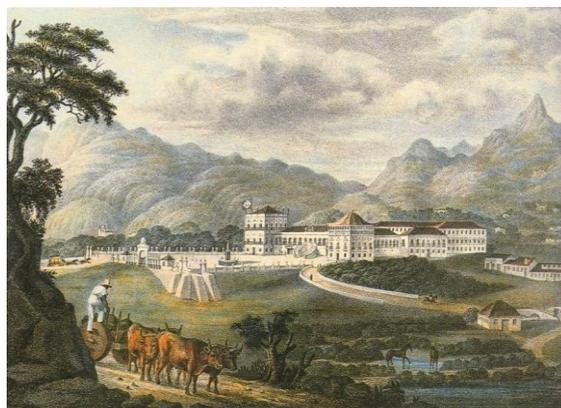


Figura 1 - São Cristóvão. Litografia do Barão Robert Karl Planitz (1835-1840)
Fonte: Ferrez (2000)

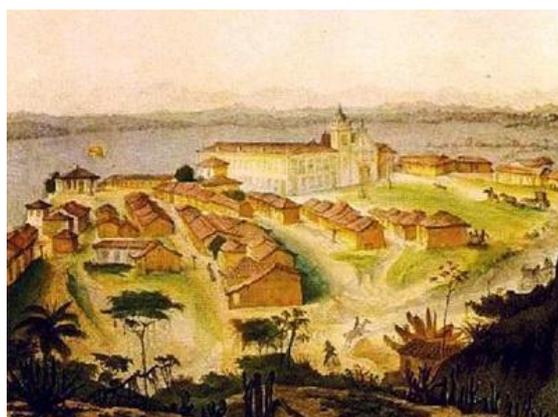


Figura 2 - Fazenda de Santa Cruz. Aquarela de Jean-Baptiste Debret, 1834
Fonte: Ferrez (2000)

O Brasil, esta feliz e abençoada porção de terra que nos tocou em partilha, também encerrando em seu seio com profusão águas minerais de diversas naturezas, não necessita de mendigar ao estrangeiro as suas águas gasosas de Vichy, Montedouro, Selters, as ferruginosas de Spa, Piemont, Forges, as sulfurosas de Barrèges, etc. que artificiais ou naturais, nunca jamais a nossa primorosa água gasosa da Vila de Campanha, as ferruginosas de Andaraí, a Matacavalos, as sulfurosas da Vila de Caldas em Minas Geraes, e da Vila de Itapicuru na Bahia, as termas de Santas Catarina e de Goiás as quais podem ser usadas nas mesmas fontes: circunstancia que é de maior importância para seu bom êxito.

Assim, o uso das águas minerais era assumido como fator de desenvolvimento econômico potencial, porém, precisava-se antes conhecer as fontes minerais e desenvolver a hidrologia médica, ou seja, a ciência que tratava desses aspectos. Na época os médicos

detinham o saber científico e possuíam a autoridades para prescreverem aqueles que necessitassem delas, daí o século XIX ter sido denominado como o período científico do termalismo no Brasil. Ou seja, o período das descobertas das águas minerais e de suas propriedades terapêuticas aplicadas em estabelecimentos termais como o de Caldas de Cubatão e Caxambu, construídos durante a segunda metade do século XIX. No entanto, o período científico do termalismo, como seu nome indica, não gerou empreendimentos turísticos. Aliás, o turista não é a figura que caracteriza os estabelecimentos termais já mencionados e, sim, os “aquáticos”, o nome dado aos doentes que, tiveram tratamentos prescritos pelos médicos da época, tendo como base do seu receituário essas águas³.

Como consequência do poder curativo, descoberto nas águas minero-medicinais do Brasil, “foram abatidas as mattas que cobriam as fontes mineraes, desapropriados os terrenos, expellidos os lázaros e construídos alguns predios” (SILVEIRA, 1884, p. 6), mas nada que se aproximasse de algum empreendimento turístico na época. Aliás, a viagem dificultava o acesso às estações de cura e foi isso precisamente o que motivou o médico brasileiro José Maximino Serzedelo a publicar um guia de viagem “que servisse aos que, como eu, para ali se dirigem desconhecendo o lugar” (SERZEDELO, 1884, p. 19). Segundo ele, no Brasil

[...] é tudo ao contrario; nada se faz, e nem se de fará, e como diz o ditado *a quem doe o dente é que vai ao dentista*; possuímos em diversas localidades do sul da província de Minas excellentes águas mineraes, e que longe terem a importância devida são até em parte pouco concorridas, cujo preço quase se aproxima do de uma passagem em paquete para Europa. Dahi a causa de muita gente preferir, a águas estrangeiras, em nada superiores às nossas, pelos incomodos da viagem e pela quasi absoluta falta de recursos [...] os enfermos que em circunstancias especiais, não podem sugerir às difficuldades das penosas viagens que são precisas fazer, para ir, supponhamos, até o Caxambú (SERZEDELO, 1884, p. 10).

No Brasil, a descoberta e uso das águas minerais no Brasil se diferencia das práticas do termalismo na Europa dos séculos XVIII e XIX. Segundo Marc Boyer, o uso das águas tornou-se um prazer mundano desde as últimas décadas do século XVIII, sobretudo, na cidade inglesa de Bath. Os médicos da época atestavam o valor das águas, assim banhos, duchas e bebidas foram recomendadas em um tratamento medicinal de aproximadamente vinte e um dias de duração. Nessas três semanas, os tratamentos se acompanhavam de divertimentos e de jogos de azar em lugares que modificaram sua hierarquia durante o século XIX (BOYER, 2003, p. 19).

É oportuno dizer que a presença de membros de famílias reais europeias contribuiu para o sucesso dessas estações. Ainda durante o século XVIII e XIX os ingleses criaram cidades balneárias similares a Bath onde as fontes de águas termais e medicinais não seriam mais o motivo da visita, mas o passeio perto do mar algo novo e secularmente distante do

³ Campos do Jordão tornou-se um lugar de cura para os “respirantes” no final do século XIX, com a construção da Estrada de Ferro a Campos do Jordão aumentou a chegada de doentes em busca de cura para doenças dos pulmões o que trouxe, como consequência, a aparição de estabelecimentos sanatórios específicos para o tratamento das doenças e a construção de pensões e hotéis para receber os doentes. Já na década de 1920 Campos do Jordão contava com quinze estabelecimentos hospitalares e duas décadas depois aparecem os primeiros turistas atraídos pela excelência do clima. Cf. COSTA, Luiz Marcondes. Uma tentativa de desenvolvimento da cidade. Faculdade de Serviço Social. TCC No. 11. Taubaté, 1969. APUD, PIVOIT Cleide. “O turismo e a produção social do espaço urbano”. Estudos sobre Campos do Jordão, SP. *Dissertação de Mestrado*, Universidade do Vale do Paraíba, 2004.

ideal de fruição e de beleza europeu imperante até então. Até tal ponto muda a percepção que a construção de residências e prédios públicos, outrora construídos de costas para o mar, começa a almejar sua vastidão e o prazer de sua contemplação (RAMOS, 2009).

Foi-se perdendo, paulatinamente, “o medo do vazio” que o mar produzia nas pessoas, sendo que entre os anos de 1750 e 1840 os europeus descobriram o mar como uma fonte de emoções, factível de banhos, viagens de lazer e tratamento medicinais (CORBIN, 1989, p. 281), como resultado, cidades como Brighton (Inglaterra), Nice (Suíça), Hyères (França), Baden-Baden (Alemanha) e Cannes (França) ganharam reconhecimento como lugares alvo de viagens das elites (BOYER, 2003, p. 20). Mas no Brasil a realidade foi outra. As antecipações do turismo e, particularmente, no que se refere ao uso de águas minerais e aos banhos de mar se distanciou em muito das transformações acontecidas na Europa. Nos oitocentos é preponderante o caráter terapêutico adjudicado aos banhos de mar. Findando esse século e mantendo essa função, acha-se a evidência de um comércio organizado em torno de algumas praias cariocas como a do Flamengo e a de Santa Luzia. O *Guia do viajante no Rio de Janeiro* nos informa que:

os banhos de mar avulsos custavam 200rs ainda com lavagem e conservação de roupas por um valor de 2 \$ e também alugando-se gabinetes e vestimentas. Já com café e bebidas na entrada de estabelecimentos como o da Rua Santa Luzia havia um palácio flutuante com um tanque de natação que abria às 4 horas e 30 minutos da manhã cujo acesso era feito desde o cais do Pharaoux (CABRAL; PEIXOTO, 1882, p. 44).

Contudo e desde que relacionado ao uso das águas, não existiram condições objetivas para o turismo se expressar no século XIX. Ainda durante esse século, as recreações aristocráticas e lazeres burgueses tomaram como alvos, atrativos naturais mais valorizados do ponto de vista paisagísticos e não muito distantes do centro da cidade do Rio de Janeiro, tais quais: a Floresta da Tijuca, o Jardim Botânico e o Corcovado. O Jardim Botânico denominado originalmente de Horto Real, invenção do monarca D. João VI – caracterizado pela vegetação exótica cultivada e pelo entorno singular – atraiu os olhares de vários viajantes estrangeiros da época, uma vez aberto ao público em 1821.

Daqueles atrativos naturais nos deixaram testemunhos viajantes como Maria Graham, George Gardner e Thomas Ewbank. Em relação ao Jardim Botânico, esse último viajante, norte-americano, que já se auto-intitulava turista, contou, em 1846, que “era difícil descrever as agradáveis e estranhas sensações que provoca esse lugar tão refrescante” (CAMARGO, 2007, p. 254 apud EW BANK, 1855, p.21). Quer dizer que, em um depoimento de meados de século, se reafirma a preferência pelo Jardim Botânico como um sítio para realizar excursões, inclusive, contando com a existência de transportes que facilitavam seu acesso.

O *Almanak Laemmert*, de 1846, traz abundantes informações sobre os horários de transporte e dias destinados às recreações no Rio de Janeiro e, entre eles, referentes ao Jardim Botânico. A ele se destinavam ônibus “apenas aos domingos e dia santos de guarda, e com um único horário: saindo às cinco horas da manhã, retornava às 6 ½ da tarde” (LAEMMERT, 1845, p. 201-202). Décadas depois, em 1893, publicou-se o livro *Hortus fluminensis ou breve notícia sobre as plantas cultivadas no Jardim Botânico do Rio de Janeiro para servir de guia aos visitantes* cujo título frisa sua vocação recreativa. Ainda que a ênfase do texto desse mais prioridade aos aspectos botânicos, houve espaço para a regular o policiamento interno do Jardim Botânico em um documento, “affixado á entrada do Jardim e impresso em tres

columns, nas línguas nacional, inglesa e franceza onde facilmente possa ser lido” (RODRIGUES, 1894, p. 36-37). Uma vez consagrado o atrativo natural pela presença imperial e, logo, pelos depoimentos escritos e gráficos dos viajantes estrangeiros que o visitaram seria o momento dos empreendimentos comerciais que facilitaram o acesso a tal lugar.

Por sua vez, esses empreendimentos contribuíram para afirmar a vocação recreativa, instrutiva e inclusive, turística desde que assumidos com um olhar distante como o caso de turistas norte-americanos que, ao longo da década de 1880, já realizavam viagens marítimas de verão “*to the winter of tropics*” recomendando, uma vez no Rio de Janeiro, a visita ao Jardim Botânico, ao Corcovado e à Tijuca (UNITED STATES AND BRAZIL MAIL STEAM SHIP, 1884, p. 4). Igualmente o Jardim Botânico, o Corcovado e a Floresta da Tijuca também se afirmaram como sítios naturais para as recreações e excursões em dias festivos dos brasileiros, segundo comprovam as aquarelas de Thomas Ender e os desenhos de Maria Graham. O Corcovado se tornou um atrativo para as recreações aristocráticas e burguesas no decorrer do século. Isso explica a existência de empreendimentos comerciais e hoteleiros que em torno deles surgiram, por exemplo, a construção de uma estrada de ferro no Cosme Velho que facilitou o acesso ao lugar já nos últimos anos do Império (STIEL, 1984, p. 361).

A floresta da Tijuca era procurada pela existência de um clima mais adequado o que foi aproveitado ao serem organizados passeios e excursões aos domingos, atraindo parte da população carioca, havendo para esse destino os bondes de tração animal que tinham sido introduzidos, na capital do Império, em fins da década de sessenta. Eles trafegavam em diferentes horários: nos dias úteis, nos domingos e nos dias santos. Por exemplo, em 1882, a “Companhia de São Christovão” tinha em tráfego linhas que comunicavam a cidade com a Tijuca separadas por intervalos de aproximadamente 30 minutos durante o dia todo até meia-noite (CABRAL; PEIXOTO, 1882, p. 40).

Tanto a procura por um clima mais adequado, como os lugares de recreio dos cariocas e viajantes estrangeiros, em torno da Floresta da Tijuca, estimulou a implantação de hotéis em meados do século, como o Bennett, localizado “na descida para o rio da Cachoeira, depois de passar a Boa Vista” com um propósito marcado, o do veraneio, ante a falta de melhores opções na época (CAMARGO, 2007, p. 270). Para a década dos oitenta, a Floresta da Tijuca possuía dois “excellentes hotéis, O White e o Jourdain passando-lhe junctinho o rio da Cachoeira [...] Entre os portões da entrada de ambos fazem o seu ponto final as diligencias da serra” (CABRAL; PEIXOTO, 1882, p. 354). Contudo, as atrações das paisagens naturais de montanha não foram as únicas existentes durante a segunda metade do século XIX.

Por exemplo, dois hotéis situados em Copacabana, zona ainda não incorporadas à tessitura urbana da cidade, mantinham meios de transportes regulares para atrair e conduzir os hóspedes. Dessa forma, o Hotel do Leme, inaugurado em março de 1879, valia-se de uma linha de bondes que circulava nas descidas da Rua da Real Grandeza ou da Ladeira do Leme. Já, o Hotel de Copacabana despachava várias diligências de manhã e de tarde até o fim da Praia de Botafogo, em busca de passageiros, no ponto terminal da companhia de bondes *Botanic Garden* (BELCHYOR; POYARES, 1987, p. 86-87). Ainda que a regularização de horários e itinerários tenha contribuído para moldar a vocação recreativa e do lazer do Jardim Botânico, da Floresta da Tijuca e, com ela, do Corcovado para além das fronteiras nacionais, a figura do turista não constitui um elemento que caracteriza o conjunto da sociedade, ainda menos as viagens turísticas. Um depoimento dos anos sessenta, pertencente a um importante intelectual carioca do século XIX, Joaquim Manoel Macedo (1862, p. 20) nos diz que era

[...] mais comum encontrar um fluminense que nos descreva as montanhas da Suíça e os jardins e palácios de Paris e Londres do que um outro que tenha perfeito conhecimento da história de algum dos nossos pobres edifícios, da crônica dos nossos conventos e de algumas das nossas romanescas igrejas solitárias, e até mesmo que nos fale com verdadeiro interesse dos sítios encantadores e das eminências majestosas que enchem de sublime poesia a capital do Brasil. Hoje em dia uma viagem a Lisboa é coisa mais simples do que um passeio ao Corcovado.

Por tanto, temos aqui o contraste de visões desde diferentes pontos de vista: a tendência de um reduzido número de brasileiros de viajar e sua preferência pela Europa e, de outro lado, o do estrangeiro que visita a cidade e que em casos específicos, como o de Thomas Ewbank assume a condição de turista, o que não indica necessariamente a existência de condições objetivas que permitissem o turismo se manifestar. Mas isso é o depoimento de um turista, neste caso, norte-americano, não brasileiro. O termo turista, ainda menos o de turismo, não tinha sido introduzido nos guias de viagens publicados no fim dos oitocentos⁴. Não existiu no Brasil uma prática estruturada do turismo durante boa parte do século XIX, melhor é procurar suas antecipações através das viagens feitas por brasileiros e pelas informações que nos legaram os guias de viagem publicados no fim do século XIX.

Nos últimos vinte e cinco anos do século XIX, aumentou o fluxo de brasileiros a visitarem Europa, sobretudo, as gerações descendentes dos latifundiários cafeeiros do oeste paulista,

havia costume de se levar para a Europa toda a família, criadagem e até animais [...] A bagagem era imensa. Em Paris, o Conselheiro (Antônio Prado) alugava um 'hotel particular' (sic) nos *Champs Elysés*. O velho Elias Chaves também levava toda a família entre filhos e genros, noras e netos, além de criados. Uma vez alugou um andar inteiro do *Hotel Majestic* para acomodar todos (PIRES, 2004, p. 204).

Outros, como o Conde de Pinhal, seus dez filhos, o genro, a neta, mais os empregados de confiança freqüentavam Europa, tomavam as águas em Baden-Baden, visitavam as capitais européias e adquiriam artigos de luxo que o Brasil de fins de século XIX ainda não conhecia (PIRES, 2004, p. 201). Com a elite fazendeira fluminense e do oeste paulista, no fim dos oitocentos temos a definição mais clara de viagens realizadas por brasileiros à Europa, mas não encontramos evidências escritas que nos levassem a catalogá-los de turistas e, até onde sabemos, nem eles mesmos se identificaram com esse outro tipo de viajante moderno. Outros viajantes brasileiros, como os estudantes em Coimbra, não deixaram produção textual em forma de relatos de viagens o que aponta para o caráter esparso da produção escrita relacionada à viagem até o fim do século XIX (SANTOS, 2004).

Com tal vazio desaparece a possibilidade de identificar alguma antecipação do turismo nas viagens finisseculares. Flora Sússekind, ensaísta e pesquisadora brasileira, questiona-se o fato de existirem poucos relatos de viagem durante grande parte dos oitocentos, para o qual ela acha uma resposta instigante. É que a viagem apresenta-se na

⁴ O filólogo brasileiro Antônio Geraldo da Cunha, mapeia antecedentes importantes do uso do termo turismo e turista na língua portuguesa em jornais portugueses e revistas brasileiras. Cf. CUNHA, Antônio Geraldo. *Os estrangeirismos da língua portuguesa: vocabulário histórico-etimológico*. São Paulo: Humanitas. Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, 2003, p. 1

produção escrita durante o dito período, mas não na forma de relatos de viagens e sim na ficção, o que decorre, por sua vez e segundo a mesma autora, de uma delimitação precária dos gêneros literários da época⁵. Dessa forma inferimos que não existiram textos que assumissem a forma de relatos de viagens de brasileiros na Europa (SUSSEKIND, 1990), pelo menos até o fim desse século onde a experiência da viagem e seu relato adquirem outras características.

O certo é que durante o século XIX grande parte da população brasileira da época não tinha condições objetivas para realizar viagens a Europa e, se acrescentarmos à viagem, o adjetivo turística o leque se fecharia bem mais. Entretanto, o Brasil, na década dos oitenta, já se vendia para os conterrâneos de Thomas Ewbank como “*the most attractive voyage known (...) fresh field for the tourist*” pelo órgão oficial do *United States & Brazil Mail Steam Ship Company*. Incentivavam a viagem turística dos norte-americanos em um itinerário cujos pontos de origem e destinos eram Nova Iorque e Rio de Janeiro, e vice-versa, passando pela ilha de Saint Thomas no Caribe Oriental, e navegando pelas costas brasileiras. Essa viagem marítima fazia escalas em Pará, em Maranhão, em Pernambuco, em Bahia e, por último, no Rio de Janeiro. Uma vez na Capital do Império eram sugeridas visitas a atrativos naturais como “*the ever-present Sugar Loaf and Tijuca, the Corcovado and Finger of God, which seem to be before you at every, either on ship board, crossing the ferry, or in the cars, or take a drive to the Botanic Garden*” (UNITED STATE AND BRAZIL MAIL STEAM SHIP, 1884, p. 4-5)⁶. Os atrativos naturais cariocas ganharam destaque, na viagem turística dos norte-americanos, ao Brasil.

Para aqueles que, nas últimas décadas do século XIX, decidissem conhecer a Capital do Império ou empreender uma viagem pelo interior do país, podiam já dispor dos guias de viagens. Eles informavam, detalhadamente, sobre serviços como: a hospedagem, os transportes, os restaurantes e seus horários acompanhando sempre a narração detalhada do exótico e do pitoresco da geografia brasileira, com destaque especial, para o Rio de Janeiro. O conteúdo dos guias de viajantes publicados naqueles anos ajuda-nos a refletir sobre as condições reais que possibilitavam a viagem ao Rio de Janeiro e pelo interior do Brasil e, com essas viagens, a existência ou não de condições reais para o turismo se manifestar.

Uma jornada pelo interior do Brasil é descrita “primeiro guia do viajante, feito no paiz, guia ilustrado de desenhos copiados de litographias” (KLUMB, 1872, p. 16), *Doze horas em diligencia. Guia do viajante de Petrópolis a Juiz de Fora*⁷. Poderíamos pensar nesse guia como um pequeno relato de viagem ao que se associam elementos em que o turismo poderia se expressar ao menos na intenção do autor, o fotógrafo alemão Henry Klumb. Ele estava povoado de um raciocínio cuja matriz, européia, as práticas da viagem e a preferência pelos espaços rurais eram já comuns. Henry Klumb pensou em sua guia com a finalidade de que “fosse de utilidade para o jovem brasileiro com intenções de se instruir” (KLUMB, 1872, p. 18) – o que nos leva a pensar na finalidade do *Grand Tour*, no sentido da viagem como complemento da instrução – tendo na sua missão ao mesmo tempo, despertar nos estrangeiros a admiração ante a variedade da natureza do Brasil.

⁵ A esta altura é oportuno realçar a importância da viagem política e filosófica realizada em Portugal durante os séculos XVIII e XIX, mas as motivações e objetivos diferem de qualquer prática antecipatória do turismo no Brasil. Para maiores aprofundamentos leia-se: RAMINELLI, Ronald. “Ciência e colonização - Viagem Filosófica de Alexandre Rodrigues Ferreira”. *Revista Tempo*, No. VI, p.157-182, 1998. VANZOLINI, P. E. “A contribuição zoológica dos primeiros naturalistas viajantes no Brasil”. *Revista USP*, São Paulo No. 30 p.190-239, 1996.

⁶ A tradução para o português é: “Sempre presente o Pão de Açúcar e da Tijuca, o Corcovado e Dedo de Deus, que surgem frente a você, a bordo do navio, atravessando a balsa a bahia, nos carros, ou dando um passeio ao Jardim Botânico”. (Tradução própria, HVM)

⁷ O livro tem 31 estampas sendo: um retrato, 29 vistas em litografias e uma planta perfil e longitudinal da estrada União – Industria.

O autor informa ao viajante da época que para chegar do Rio de Janeiro até o que ele denomina como o “pequeno Versailles Brasileiro” (Petrópolis) podia-se chegar pelo vapor e através da estrada de ferro de Mauá. Porém, o guia de Klumb se concentrou mais em relatar o itinerário de Petrópolis até Juiz de Fora do que aquele que o levou até a Cidade Imperial. Em doze horas de viagem pela estrada União – Indústria⁸ são percorridos mais de 100 quilômetros com extraordinárias paisagens naturais e difíceis trechos até chegar a Juiz de Fora. Uma vez, no destino final da diligência e, sempre, tentando seduzir ao leitor pelo anedótico, o exótico e o pitoresco, o guia do viajante de Henry Klumb comenta o que fazer uma vez no destino final. O passeio pelos jardins do Comendador Alfredo Ferreira de Lage – onde estiveram hospedados em várias ocasiões os membros da Família Real –, a colônia D. Pedro II, a Escola Agrícola, o bosque dos Príncipes, o bosque da Imperatriz e o alto do Imperador são recomendações para quem fizer a viagem durante a época.

Chama a atenção, no texto, a menção a um hotel, o da União. Klumb afirmou ser esse: “um dos mais bem organizados, acha-se tudo o que se pode desejar da mesma maneira que nos melhores hotéis da Europa [...] há banhos quentes, frios, de chuva, bilhares, piano, salões de leitura e de conversa, jardins, parques e varandas [...] goza de um clima salubre e temperado” (KLUMB, 1872, p. 76). Contudo, além da natureza e de informações pontuais sobre Juiz de Fora, não há maiores informações que oferecer ao viajante, na época, até porque Juiz de Fora não fora, propriamente, um lugar muito freqüentado pelos viajantes durante o século XIX. Importa mais o relato da natureza exótica dos trópicos e dos empreendimentos [a estrada União – Indústria, por onde Klumb transita em diligência, é evidência disso] acometidos em Tempos do Império. É essa estrada que permitirá o seu deleite e não os monumentos históricos construídos em Petrópolis. O viajante da época não teria elegido Juiz de Fora como lugar a ser visitado, melhor seria ficar com a capital do Império e com a Imperial Petrópolis como destinos de uma viagem e para isso dispor do volume de informações necessárias para conhecê-las.

O *Guia do Viajante no Rio de Janeiro*, de 1882, foi a publicação mais prolífica e consistente, quanto às orientações oferecidas ao viajante, nos momentos de sua chegada, da sua estada e da sua partida. Aliás, essas três partes conformam a estrutura do texto, além dos dados geográficos e históricos sobre a capital do Império que familiarizariam o viajante com o Rio de Janeiro. Surpreende-nos que para a década dos oitenta o Rio de Janeiro houvesse uma rede de transporte “fácil, prompta e barata [...] Em quasi todas as ruas e praças, o viajante encontra bondes das quatro companhias existentes, que o transportam, com brevidade, quer de um extremos a outro da cidade, quer do centro aos mais distantes arrabaldes” (CABRAL; PEIXOTO, 1882, p. 28).

Importa ver como os bondes da *Botanic Garden Rail Road Company*, os da Companhia de São Cristóvão, da Companhia Villa Izabel, da Companhia dos Carris Urbanos, da Empresa de Sancta Tereza viabilizaram os meios de locomoção aos mais distantes pontos da cidade, incluindo aqueles que previamente foram centros de passeios e excursões durante a primeira metade do século XIX. Ou seja, não é apenas uma simples coincidência que uma das linhas de bonde fosse chamada de *Botanic Garden Rail Road Company* e se conectasse ao centro da cidade, assim como a lugares freqüentados pela Família Imperial e seus convidados. Também, outras camadas da população poderiam ser favorecidas com a rede de transportes urbanos da cidade. O viajante, além desses meios, podia contar com

⁸ A Estrada União-Indústria foi a primeira rodovia brasileira, construída entre 1856 e 1861 e inteiramente “macadamizada”, isto é, revestida de massa de pedra britada, areia e saibro, comprimidos por um rolo compressor. As diligências a percorriam a uma velocidade de 15-20 km por hora, fazendo doze paradas para trocar as mulas. Cf. SCARRONE, Marcelo. “Doze horas numa diligência. O primeiro guia de viagens feito no Brasil, com texto e imagens”, In: *Revista de História da Biblioteca Nacional*, Rio de Janeiro. pp. 90 - 91, dez. 2007.

carros de aluguel e *tilburys* que estacionavam nos lugares muito mais freqüentados, podendo levá-los a diferentes pontos. Quanto às diligências, o guia enumera as que dentro da cidade iam para a Praia de Botafogo, para a Rua de São Clemente e para a Rua das Laranjeiras e que elas partiam da raiz da serra para o alto da Tijuca “até o ponto terminal perto dos hotéis Jourdain e Whyte” (CABRAL; PEIXOTO, 1882, p. 72).

A existência de hotéis e restaurantes nos pontos finais dos bondes ou em pontos chave dos itinerários das diligências, não indica que houve, na época, uma apreensão consciente do turismo. Aliás, a palavra turista não se explicita no conteúdo do *Guia do viajante...* Por outro lado, a natureza e características de alguns empreendimentos hoteleiros e da gastronomia foram bem explicitadas no *Guia do Viajante...*, por exemplo, no Hotel Jourdain, havia “magníficos banhos de natação e de cascata. No estabelecimento, encontram-se animais de montaria para passeios e excursões” (CABRAL; PEIXOTO, 1882, p. 85). Quanto aos restaurantes, alguns se localizavam perto de lugares propícios para realizar passeios como o Chalet Restaurant Campestre, na Rua do Jardim Botânico, com “comida a qualquer hora do dia ou da noite (...) bilhar, aparelhos de gymnastica e balanços para as senhoras. O restaurante é frequentado pelas famílias que costumam visitar ou passam o dia no Jardim Botânico e recebe encomendas pelo telephonio” (CABRAL; PEIXOTO, 1882, p. 89). Ou seja, começamos a observar uma estrutura, ofertada perante a uma incipiente demanda por lugares alvo de excursões e visitas dos que por aqui estiveram e viveram no último quartel do século XIX. Assim, de forma paralela e gradual, definia-se a vocação recreativa, do lazer e, também, turística, de tais lugares.

Não nos escapam as detalhadas informações oferecidas pelo *Guia do viajante...* os artigos que o viajante poderia precisar para que empreendesse uma viagem até outros lugares importantes da Província do Rio. Esses lugares, considerados como passeios restauradores de saúde, eram: Niterói, Petrópolis, Teresópolis, Nova Friburgo e Campos dos Goitacazes. Quanto a Petrópolis, o viajante que

aportar à capital do Imperio deve fazer uma visita á encantadora Petropolis, miniatura americana das cidades da Suissa [...] durante o estio, de fins de dezembro a abril que com a presença de S. M. o Imperador dá a Petrópolis uma grande vitalidade [...] Por esta mesma epocha numerosas famílias de capitalistas e negociantes, abastados da capital do Imperio vão ali passar o verão, o que ainda concorre para o progresso e desenvolvimento constante da princeza das cidades do Brazil. O clima de Petropolis é saudabilissimo e as pessoas que para alli se dirigem doentes voltam coradas, robustas e fortes [...] Petropolis offerece todos os recursos de que possam carecer os enfermos ou as pessoas que vão por mero passatempo, distração o recreio. Nas numerosas e magníficas cassas de negocio que conta, sobre tudo na rua do Imperador, encontra-se tudo o que se acha na capital do Imperio. Assim o viajante em Petrópolis nada lhe faltará (CABRAL; PEIXOTO, 1882, p. 476-477).

A julgar pelo depoimento acima, Petrópolis substituiu, na segunda metade do século XIX, a Imperial Fazenda Santa Cruz como o lugar de residência de verão, ou sítio de vilegiatura adaptado à realidade brasileira, da Família Imperial, dessa vez apontando para elementos que permitiriam anos depois turismo se expressar⁹. As facilidades de acesso à cidade que existiam durante as últimas décadas do século XIX permitiram não só o traslado dos Bragança e Orleans, mas de numerosas famílias de capitalistas e negociantes

⁹ Leia-se o trabalho de DAIBERT. André. “História do turismo em Petrópolis entre 1900 e 1930”. *Dissertação de Mestrado*, Mestrado em Política, História e Bens Culturais, CPDOC/FGV, RJ, 2010.

enriquecidos da capital do Império que contavam para se hospedar na cidade com “excellentes hotéis e em condições de asseio superiores aos da capital do Império” (CABRAL; PEIXOTO, 1882, p. 481). Segundo a estatística levantada pela historiadora Eulália Lobo Lahmeyer, com base nos *Almanaques Laemmert* abrangendo os anos de 1860 até 1882, comprova-se o incremento do número de hotéis no Rio de Janeiro (BLECHYOR, 1987, p. 59 apud LOBO, 1975, p. 235-266), porém, muitos deles não passariam de simples restaurantes.

Além disso, as condições higiênicas dos hotéis cariocas não eram as mais adequadas para se hospedar, muitos viajantes que nos freqüentaram naquele século, o explicitaram em suas memórias. Por exemplo, em 1870, o viajante William Hadfield considerava como grande necessidade “um hotel realmente bom, algo semelhante àqueles dos Estados Unidos [...] existem muitos hotéis espalhados pela cidade, alguns mais ou menos pretensiosos, mas nenhum apresenta grau de conforto tão essencial para uma grande cidade como o Rio de Janeiro” (BELCHYOR; POYARES, 1987, p. 57-59). É oportuno dizer que o incremento da hotelaria no Rio de Janeiro não pressupõe, necessariamente, a existência do turismo, mas bem responde a que ela, capital do Império, por conseguinte, sede de inúmeras repartições públicas e um amplo aparelho burocrático que demandou muitos serviços de hospedagem e de restauração gastronômica, como se comprova pela citação anterior. A situação da hotelaria em tempos do Império dos Bragança precisava ser mudada o que foi materializado décadas depois e acompanhando as transformações modernas da cidade.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

As primeiras antecipações do turismo no Brasil surgiram como consequência da ocidentalização da sociedade brasileira através da reprodução e imitação de hábitos e costumes introduzidos pelos Bragança, a Corte Portuguesa, e dos grupos comerciais estrangeiros instalados no Brasil, como afirma Haroldo Camargo. Relacionado a isso e produto das recreações praticadas por grupos seletos e de ocasionais viajantes se assiste a um processo que começa a definir a natureza recreativa e para o lazer de lugares como a Floresta da Tijuca, o Jardim Botânico e o Corcovado. No entanto, as práticas mais evidentes do turismo nas últimas décadas do XIX, provinham das viagens de turistas norte-americanos organizadas por companhias marítimas à procura de uma natureza exótica e de ótimas condições climáticas. Isto nos permite afirmar que as primeiras práticas turísticas identificadas no Brasil não foram geradas internamente e que o turismo, desde o momento de suas antecipações, não tomou como seu fundamento os bens culturais, mas a natureza tropical e exótica.

Por sua vez, o relato da viagem para além de registros científicos próprios de grande parte do século XIX não foi identificado no período analisado neste ensaio. A viagem começa a se tornar moderna, assim como suas representações, precisamente ao mudar sua natureza nas últimas décadas do século XIX: um período interessante que foge ao estudo deste trabalho. Ao igual que a viagem e seu relato, as características que assume o termalismo no Brasil dos oitocentos não permitem identificar práticas turísticas, apenas curismo. No entanto, em centros de cura aqui elencados e junto ao cassinismo, o turismo iria aparecer décadas depois, no século XX. Por último, em Petrópolis e durante as últimas décadas do XIX, percebe-se com mais clareza antecipações do turismo ao serem reproduzidas e imitadas socialmente por outros seletos grupos sociais as práticas bragantinas e da nobreza brasileira e européia aqui instalada. Tais antecipações em Petrópolis, no Rio de Janeiro e em outras grandes cidades brasileiras, seriam organizadas nas primeiras décadas do século o que trouxe consigo uma reflexão consciente sobre o

turismo veiculado por interessantes publicações cujo estudo adverte outra fase na história do turismo no Brasil.

THE EARLIEST FORMS OF TOURISM IN BRAZIL

Abstract

This work fits with the nascent field of history of tourism in Brazil, asking in its "anticipations" in the 19th century, ie, practices and representations that conform part of its foundations, even during the 20th century. This is the main idea that made us revisit the 19th century from a different perspective in which tourism is the center of reflection. Based on this assumption and its nature - a social construction - revisit the history of Brazil from the arrival of the Imperial Family until about the last quarter of the nineteenth century. At this stage I thought westernization and playing aspirations, specifying, habits and customs brought by Bragança. Of particular interest resulted in the therapeutic practices and characteristics of sea bathing. I also study the characteristics of the travel and his writing in the last decades of the 19th century, the construction of recreational, leisure and recreation of the surrounding natural elements of the geography of Rio as well as the tourist visit to Rio de Janeiro. These aspects complicate the historical study of tourism in a step prior to its organization, structure and inclusion in the agenda of the government which contradicts with interpretations present in the brazilian academic studies on tourism. The theoretical contribution of this article, points to a proposed study of tourism related to the history of Brazil.

Keywords: *Tourism. Anticipations. History. Modern travel. Brazil.*

REFERÊNCIAS

BELCHYOR, Elysio de Oliveira; POYARES, Ramon. **Pioneiros da Hotelaria no Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro: Ed. SENAC, 1987.

CABRAL, Alfredo do Vale; PEIXOTO, Hilário. **Guia do viajante no Rio de Janeiro, Acompanhado da planta da cidade, de uma carta das estradas de ferro do Rio de Janeiro, Minas e S. Paulo e de uma vista dos Dois Irmãos**. Imprensa: Rio de Janeiro, Typ. da Gazeta de Notícias, 1882.

CAMARGO, Haroldo Leitão. **Uma pré-história do turismo no Brasil: recreações aristocráticas e lazeres burgueses. (1808-1850)**. São Paulo, Ed. Aleph, 2007.

CASTRO, Antônio Maria Miranda. **As águas minerais brasileiras e em particular as do Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro: Escola Médica do Rio de Janeiro, 1841.

COURBIN, Alain. **Território do vazio: a praia e o imaginário ocidental**. Rio de Janeiro: Ed. Companhia das Letras, 1989.

CUNHA, Antônio Geraldo da. **Os estrangeirismos da língua portuguesa: vocabulário histórico-etimológico**. São Paulo: Humanitas, 2003.

EWBANK, Thomas. **A vida no Brasil, ou diário de uma visita ao país do cacau e das palmeiras**. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: EDUSP, 1976.

FIGUEIREDO, Sílvio Lima; RUSCHMANN, Doris Van Meene. Estudo genealógico das viagens, viajantes e turistas. **Novos Cadernos NAEA**, v. 7, p. 171-203, 2004.

GARDNER, George. **Viagem ao interior do Brasil, principalmente nas províncias do Norte e nos distritos do ouro e do diamante durante os anos de 1836-1841**. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: EDUSP, 1975.

GRAHAM, Maria. **Diário de uma viagem ao Brasil e de uma estada nesse país durante dos anos de 1821, 1822 e 1823**. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: Martins: EDUSP, 1990.

JOURNAL OF THE UNITED STATES AND BRAZIL MAIL STEAM SHIP. Vol.1, n.1 (janeiro de 1884)-v.1, n.3 (março de 1884).

KLUMB, Henry. **Doze horas em diligencia, guia do viajante de Petrópolis e Juiz de Fora**. Imprensa: Rio de Janeiro: J. J. da Costa Pereira Braga, 1872.

LAEMMERT, Eduardo (Org.) **Almanak administrativo mercantil e industrial do Rio de Janeiro para o ano de 1846**. 3. ed. Rio de Janeiro: Laemmert, 1845.

_____. **Almanak administrativo mercantil e industrial do Rio de Janeiro [1844-1889]**. Rio de Janeiro: [S.n].

LANGSDORFF, Georg Heinrich. **Memoria sobre o Brasil, para servir de guia aquelles que nelle se dezejem estabelecer**. Rio de Janeiro: Oficina de Silva e Porto e Ca., 1822.

LOBO, Eulália Maria Lahmeyer. Evolução dos preços e do padrão de vida no Rio de Janeiro, 1820-1930. **Revista Brasileira de Economia**, v. 235, n. 25, p. 235-266, out./dez. 1971.

LUCCOCK, John. **Notas sobre o Rio de Janeiro e as partes meridionais**. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: EDUSP, 1975. [1823].

MACEDO, Joaquim Manuel de. **Um passeio pela cidade do Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro– Belo Horizonte: Livraria Garnier, 1991 [1862 e 1863].

PIRES, Mário Jorge. **Raízes do turismo no Brasil: hóspedes, hospedeiros e viajantes no século XIX**. Barueri, SP: Editora Manole, 2004.

QUINTELA, Maria Manuela. Saberes e práticas termais: uma perspectiva comparada em Portugal (Termas de S. Pedro do Sul) e no Brasil (Caldas da Imperatriz). **Revista História, Ciências, Saúde – Manguinhos**, v. 11 (Suplemento 1), p. 239-260, 2004.

RAMOS, Daniel da Rocha. A invenção da praia e a produção do espaço: dinâmicas de uso e ocupação do espaço em Espírito Santo. Espírito Santo: UFES, 2009. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo) - Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo. Universidade Federal do Espírito Santo, 2009.

RENAULT, Delso. **O dia-a-dia no Rio de Janeiro segundo os jornais: 1870-1889**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira; Brasília: INL, 1982.

RODRIGUES, João Barbosa. **Hortus Fluminensis ou breve noticia sobre as plantas cultivadas no Jardim Botânico do Rio de Janeiro para servir de guia aos visitantes**. Rio de Janeiro: Typ. Leuzinger, 1894.

SANTOS, Claudete Daflon dos. Viajantes e intelectuais: em se falando de brasileiros. **Revista SEMEAR**, n. 10. Cátedra Padre Antônio Vieira de Estudos Portugueses. Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-RIO), 2004. Disponível em: <http://www.lettras.puc-rio.br/catedra/index.html>

SCARRONE, Marcello. Doze horas num diligência. O primeiro guia de viagens feito no Brasil, com texto e imagens. **Revista de História da Biblioteca Nacional**, Rio de Janeiro, p. 90-91, 2007.

SERZEDELO, Jose Maximino. **Guia de viagem para as águas mineraes de Caxambú, Caldas, Lamabray, Contendas e Cambuquira na Província de Minas Geraes contendo todas as informações a respeito daquelles lugares; das suas águas medicamentosas, etc.** Rio de Janeiro. Typ. de Augusto dos Santos, 1884.

SILVEIRA, Uria Antonio da. **Memória sobre as aguas mineraes de Caxambú.** Barra Mansa: Typographia de João Zoroastro Bittencourt, 1884.

STIEL, Waldemar Correia. **História do Transporte Urbano no Brasil:** história dos bondes e trólebus e das cidades onde eles trafegaram. Brasília: Empresa Brasileira dos Transportes Urbanos ; São Paulo: Editora Pini Ltda, 1984.

SÜSSEKIND, Flora. **O Brasil não é longe daqui:** o narrador, a viagem. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

VENEGAS MARCELO, Hernán. A historicidade de uma invenção. **Revista Brasileira de Pesquisa em Turismo**, v. 3, n. 1, p. 108-114, abr. 2009.

_____. **Patrimônio cultural e turismo no Brasil em perspectiva histórica:** encontros e desencontros em Paraty. Rio de Janeiro: UFF, 2011. Tese (Doutorado em História) - Programa de Pós-Graduação em História. Universidade Federal Fluminense, Março, 2011.

Artigo recebido em 02/11/2012. Aceito para publicação 14/12/2011.